

EMPRESÁRIOS EQUIPAM CASAS COM CERCAS ELÉTRICAS, CÃES, CÂMERAS, MAS BANDIDOS EXPLORAM PONTOS FRÁGEIS

Assaltantes aproveitam 'descuidos'

Mariane Cruz
Da Redação
Manaus, Amazonas

Cães de guarda, câmeras, cerca elétrica e até segurança armada. Nem todo esse investimento é suficiente para coibir a prática de roubos e furtos às empresas e residências em Manaus.

Paulo Almeida, 41, é comerciante e mora no conjunto Shan-grilá, no bairro Parque Dez, zona centro-sul. Sua casa tem portão eletrônico e ele e os vizinhos pagam um segurança para vigiar as casas da rua onde moram.

MONITORAMENTO
Câmeras de segurança do Estado têm limitação técnica

238

câmeras da Secretaria de Segurança Pública monitoram as principais vias de Manaus. "Elas são úteis para saber pra onde fugiu um bando, mas não têm boa qualidade para identificá-los", disse o delegado Orlando Amaral.

Em outubro do ano passado, ao chegar em casa com a renda de seu comércio, foi abordado por dois homens armados assim que acionou o portão eletrônico. Os homens entraram na garagem e ameaçaram atirar em sua família, caso ele não entregasse o dinheiro.

Assustado, Paulo não reagiu e fez o que os bandidos ordenaram. "Só pensei na minha mulher e nas minhas filhas pequenas, que estavam dentro de casa. Foi difícil dormir tranquilo desde então", conta.

No ano passado, a Secretaria de Estado da Segurança Pública (SSP) registrou 218 casos de roubos e furtos a residências e 2.965 a comércios. Em 2008, ocorreram 325 roubos e furtos a residências e 3.046 em estabelecimentos comerciais.

O delegado da Delegacia Especializada em Roubos, Furtos e Defraudações, Orlando Amaral, disse que o principal alvo dos ladrões são as residências consideradas "bonitas". "Esse é o primeiro critério para a prática desse tipo de crime", afirmou.

Em seguida, o delegado revela que a falta de obstáculos é outro ponto observado pelos bandidos. "Eles preferem as



Muros altos, grades e cercas elétricas não são suficientes para manter residências seguras. Assaltantes aproveitam 'vacilos' de proprietários / Foto: Evandro Selvas/15/02/06

casas bonitas que não tenham empecilho, mas isso não quer dizer que eles deixem de roubar as que têm sistema de segurança", contou Amaral.

Segundo ele, também é comum ouvir no depoimento de assaltantes presos o uso de veneno para matar cães de guarda. Outra revelação feita pelos bandidos é a expressão "na tora". Essa modalidade de roubo, consiste em se aproveitar de um funcionário ou morador da casa para assaltar. "São aqueles bandidos que não têm informação prévia sobre determi-

nado local e saem em busca de facilidade. Se tem uma empregada colocando o lixo na rua e o portão está aberto, provavelmente ela servirá para levá-lo para dentro da casa", explicou.

No dia 31 de dezembro do ano passado, o escritório do Consórcio Rio Negro, que constrói a ponte sobre o Rio Negro, foi assaltado. Embora tenha guarita e segurança, os homens conseguiram passar despercebidos e ainda fizeram duas pessoas reféns.

Fale com o editor
redacao@diarioam.com.br

Delegado diz que maioria é reincidente

O delegado da Delegacia Especializada em Roubos, Furtos e Defraudações, Orlando Amaral, afirmou que a maior parte dos bandidos presos por roubo ou furto é reincidente. "Eu não acredito em recuperação de presos. Vejo muitos aqui que saem da cadeia e vão roubar de novo. São ladrões contumazes. Não arrumam mais emprego, por causa da ficha suja", comentou o delegado.

O secretário de Estado da Justiça e Direitos Humanos, Carlos Lélío Lauria, disse respeitar a posição de Orlando Amaral. "É uma opinião dele, mas eu ainda acredito na recuperação do ser humano. Se não acreditasse, meu trabalho estaria prejudicado".

Lauria afirmou que é obrigação do Estado oferecer condições para a recuperação dos presos. "Tratamos (os presos) com dignidade e respeitamos os direitos humanos. O fato de o detento aproveitar esse benefício é que vai fazer a diferença", enfatizou o secretário de Justiça e Direitos Humanos.

COMBATE

Dengue e malária em debate

O combate às doenças como dengue e malária, com base no novo mapa da cidade de Manaus, que ganhou recentemente seis novos bairros, será um dos principais temas de um evento que irá reunir, até sexta-feira, técnicos de órgãos municipais e estaduais de saúde.

Promovida pela Secretaria Municipal de Saúde, a Semana das Doenças Transmissíveis por Vetores será realizada na Escola Superior Normal, da Universidade do Estado do Amazonas.

De acordo com o secretário municipal de Saúde, Francisco Deodato, é necessário reorganizar as ações de saúde, conforme a nova configuração geográfica e, também, com base nos novos dados sobre as áreas mais suscetíveis à proliferação de doenças.

'GRIPE SUÍNA'

Novos grupos começam a ser vacinados

A Prefeitura de Manaus começou, ontem, a imunização contra a 'gripe suína' de mais três grupos populacionais definidos como prioritários pelo Ministério da Saúde (MS).

A campanha de vacinação, que teve início no dia 8 deste mês, com a vacinação dos trabalhadores da Saúde e dos indígenas aldeados, alcançará agora as gestantes, as crianças de seis meses a menores de dois anos, e a população com doenças crônicas graves, totalizando mais 208.870 pessoas.

Segundo a prefeitura, as gestantes serão vacinadas até 21 de maio. Já as crianças a partir de seis meses e menores de dois anos e os doentes crônicos serão imunizados até 2 de abril.

INDÍGENAS

Alcoolismo em aldeias sem controle

O problema do consumo de bebida alcoólica, que chega a atingir 99% das comunidades indígenas do Amazonas, foge ao controle da Fundação Nacional do Índio (Funai). É o que afirma o indigenista do órgão, João Melo Farias. Segundo ele, isso acontece em decorrência do reduzido número de funcionários (213) no Estado para atender a uma população de aproximadamente 120 mil índios.

"A Funai não tem contingente para coibir, eficazmente, o problema da bebida alcoólica, e, por isso, busca fazer parcerias com outros órgãos", enfatizou João Melo. Conforme o indigenista, só na Coordenação Executiva Regional de São Gabriel da Cachoeira é feito um trabalho em conjunto com o Exército. "Mas mesmo assim tem pessoas que conseguem furar o bloqueio e entram com bebidas nas al-

deias", disse.

De acordo com Melo, só os indígenas inseridos no Programa Waymiri-Atroari, na BR-174 (Manaus - Boa Vista), não ingerem bebida alcoólica. "Vivem como viviam no passado, sem bebida, sem fumo e sem religião", afirmou o funcionário da Funai.

Ele cita, como um dos exemplos de dificuldade para fiscalizar a ingestão de álcool nas aldeias, a região do município de Tefé. "Na área de Tefé são 150 aldeias e três funcionários para tomar conta de Coari até Fonte Boa, o que é humanamente impossível".

De acordo com a Funai, hoje existem 63 servidores em Manaus, 23 em São Gabriel da Cachoeira,

22 em Parintins, 21 em Atalaia do Norte, 79 em Tabatinga e cinco em Humaitá.

O chefe do setor de Educação da Funai, em São Gabriel da Cachoeira, José Ribamar Caldas Lima, observa que, além do mal para a saúde, o álcool é um grande gerador de violência entre os índios. "Em

janeiro, um índio movido pela bebida, aliada ao ciúme, matou a própria mulher a pauladas e jogou o corpo dela no rio", relembra. Ele acrescentou que a maioria dos casos policiais envolvendo índios tem relação com o álcool. Na região de São Gabriel da Cachoeira existem, conforme a Funai, 25 mil indígenas, 60% deles baseados no interior.

FUNASA ATUA NO INTERIOR

A Coordenação Regional da Fundação Nacional de Saúde informou que o órgão vem realizando, desde 2009, ações para tratar do alcoolismo nas comunidades indígenas.